



O CORPO NO LIMIAR: A teoria da deriva, a prática da errância e da cartografia na apreensão do urbano, em uma abordagem corpo a corpo na cidade contemporânea.

Autores:

Matheus Gomes Barbosa - UFPEL - matheusbarbosa.engenharia@gmail.com

Mauricio Leal Pons - UFPEL - mauricioploenals@gmail.com

Emanuela Di Felice - UFPEL - emanueladifelice@gmail.com

Resumo:

O artigo aborda a exploração como apropriação da cidade e modo de investigar o território através da imersão total. O convite a ir à deriva transmutou em experienciar a cidade em uma escala 1:1. A experimentação de novos modelos de conhecimento do urbano, em uma aproximação lúdica na compreensão da contemporaneidade, amplia as possibilidades de uso e apropriação do espaço. Através da cartografia e da deriva, a pesquisa e o pesquisador reúnem teoria e prática no território. Entendendo que o desvio como errância, em uma interação corpo a corpo e? necessária para conhecer e imaginar a cidade. Os resultados possibilitaram o entendimento dos processos de transformação da cidade no contemporâneo, que refletem em segregação social, gentrificação e supressão das áreas verdes. Pode-se entender também, a fronteira entre o espaço público e privado, a vulnerabilidade de espaços periféricos e a influência dos movimentos que ocasionaram o desenvolvimento da cidade.

O CORPO NO LIMIAR:

A teoria da deriva, a prática da errância e da cartografia na apreensão do urbano, em uma abordagem corpo a corpo na cidade contemporânea.

INTRODUÇÃO

A exploração e reapropriação da cidade pode ser utilizada como estratégia para investigar o território através da imersão total nele, assim, transpor as fronteiras psicogeográficas, para reconstruir o mapa dos fragmentos urbanos.

Patrick Geddes, biólogo, sociólogo e urbanista, aborda a cidade em evolução como órgão independente em constante desenvolvimento e transformação, que pode crescer como um sistema autônomo. Nessa visão utópica de um desenvolvimento linear da cidade, no contexto de produção, pode-se dizer que as cidades são desenvolvidas de baixo para cima de forma incremental, mas o planejamento se dá, a partir de cima, assim o projeto acaba por ser uma pequena parte de um desenvolvimento orgânico muito maior.

Hoje em dia o urbanismo tradicional, como ferramenta de planejamento urbano da cidade a longo prazo, prevê o crescimento e o desenvolvimento das potencialidades e das criticidades do território, porém as transformações urbanas ocorrem de forma mais acelerada do que a realidade decenal dos planos diretores proporciona.

Nesse sentido, o planejamento para cidades utópicas não nasce com uma lógica geradora de processos em devir, eles são projetados em uma única peça, e características como imaturidade e imprevisibilidade nunca são levadas em conta (GEDDES, 1915).

A partir desse pensamento, Geddes propôs a intervenção denominada *Outlook Tower* (Câmara Obscura em Edimburgo), cujo tema era “conheça a sua cidade!”, para isso, foi utilizado uma estrutura que poderia servir como observatório e laboratório cívico, para pensar como entrelaçar o pensamento com a ação, a ciência com a prática, a sociologia com a moral, através da observação de fora e de dentro, do organismo urbano. A ideia da intervenção dá-se a partir de um encontro entre Patrick Geddes e uma torre curiosa que dominava a Cidade Velha de Edimburgo e, além dela, toda a cidade e sua localização geográfica. Tornando-se assim um importante e ambicioso projeto sociocultural para a regeneração da Cidade Velha de Edimburgo - território periférico da região europeia.

Esse experimento de observação da cidade tornou-se precursor, pois durante o século anterior o Reino Unido havia sofrido diversas modificações na produção da cidade. As cidades francesas, antes que todas, sofreram grandes transformações, as ruas estreitas, lugar da resistência do povo durante a Revolução Francesa (1789 –1799), foram substituídas por grandes avenidas e fachadas monumentais pelo onipotente desenho urbano do prefeito Georges-Eugène Haussmann (entre 1852 e 1870).

Na cidade de Paris, onde o povo derrubou o governo, mais de uma vez na história, reivindicando os direitos dos homens como cidadãos, a aristocracia, após a revolução francesa, queria ter a certeza de que essas mudanças revolucionárias, sociais e políticas não se repetiriam. As transformações foram principalmente a demolição do tecido urbano, abrindo 165km de novas ruas, reorganizando a renda fundiária urbana, e em consequência disto foram delineadas e redefinidas as áreas e as classes sócias. O centro tornou-se uma representação da arquitetura burguesa e a periferia, subúrbios populares.

Estas modificações ocasionaram muitas desapropriações de moradias do centro de Paris para realizar o plano de demolição de grande parte dos edifícios mais centrais, visando a higiene, a ordem e o controle exigido por Napoleão III. Nesse contexto, o contato entre as classes mais abastadas e as classes mais pobres, que acontecia cotidianamente, diminuiu devido as expulsões das classes menos abastadas para os subúrbios de Paris, transformando a cidade em uma estrutura sociogeográfica ainda presente na contemporaneidade, que separa a cidade em áreas delimitadas e não permitindo a antiga configuração de mistura entre pobres e burgueses.

Após essas mudanças, a cidade apresentou-se com uma morfologia questionada por artistas e escritores, que começaram a manifestar o mal-estar nessa cidade com desenho tão rígido, e não só se alimentaram de certo ceticismo sobre mudanças drásticas e totalitárias, como também já estavam à procura de uma fuga. Os impressionistas começaram a sair nas ruas, preferindo sujeitos e paisagens da vida cotidiana; os surrealistas, embarcaram na viagem introspectiva da mente humana.

Nesse contexto histórico surgiu a teoria da deriva, ligada a uma condição deliberadamente poética procurada e ligada à cidade, em Paris, nos anos 50. O artigo apresenta a deriva, a errância, o ir sem rumo, como uma ferramenta de conhecimento do organismo cidade. A reaproximação por intermédio da aboradagem corporal na cidade se devolve como necessidade de tocar a complexidade da contemporaneidade e assim encontrar novos parâmetros de estudo e abordagens. O acaso como estratégia de observação, a deriva e a errância como observação da transitoriedade da cidade contemporânea. E da cartografia pensada como instrumento de formação de uma ética-estética possui uma série de peculiaridades, é um método que não se aplica, mas se pratica.

DERIVA: A PROFANAÇÃO DA ERRÂNCIA URBANA

Guy Debord, em 1954, formula a teoria da deriva:

“O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis. É possível se pensar que as reivindicações revolucionárias de uma época correspondem à ideia que essa época tem da felicidade. A valorização dos lazeres não é uma brincadeira. Nos insistimos que é preciso se inventar novos jogos “ (DEBORD, Guy. Apud JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional Situacionista*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003, p. 17)

A deriva apresenta-se como um método diferenciado para diagnosticar e detectar a cidade, com uma técnica de passear rápida por diferentes ambientes. De acordo com Debord (1958), o conceito de deriva está indissolivelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o torna absolutamente oposto as tradicionais noções de viagem e de passeio.

A aproximação lúdica-constructiva é o espírito com o qual se realiza este errar voluntário, uma fuga da estrutura acadêmica, para entendimento dos espaços urbanos, coletivos, públicos e privados. Esse ato torna-se uma ocasião para passar o tempo de forma coletiva, entrando com nossos corpos na dimensão urbana, em um evento de estimulação contínua, para viver suas ruas. Assim explorar os lugares desconhecidos até então pelos errantes, revistar lugares conhecidos, porém com outro viés, descobrir as conexões informais, ir além do concreto, ouvindo as vozes e os silêncios de quem habita esses territórios, observando seus movimentos, explorando seus lugares mais remotos e desconhecidos.

A partir do culto do capitalismo, da produção e do consumo que Agamben (2007) descreve, com as mesmas regras de qualquer religião, na qual o sagrado permanece junto à capacidade de criar culpas, nos opusemos de forma ociosa, lúdica e sem sentido de culpa alguma. Essa cisão radical que se cria na esfera do sagrado capitalismo se contrapõe ao mundo meramente humano, onde subsiste a maioria das pessoas, o mundo fora do tempo do trabalho, onde é consentido ser simplesmente pessoas.

A deriva propõe-se a romper com essa religião, a voltar a ser homens e mulheres comuns e assim profanar a cidade. Profanar significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular. Na experiência, o jogo do errar se apresentou como estratégia para reconciliar ao uso comum algo que havia sido consagrado ao sacro.

Segundo Benveniste (apud Sperber, 2009), cada religião tem em si sempre o mito e o ritual, onde o mito conta uma história e o ritual implementa o culto. Nesse sentido, Sperber (2009) afirma que o jogo permite que você possa quebrar essa relação gerando mitos sem ritos (jocus) ou ritos sem mitos ou jogos de ação (ludus). O jogo tem, nesse sentido, uma grande importância, pois permite ao ser humano tornar-se agente de seu conhecimento progressivo, formulando imagens, usando símbolos e o imaginário, a fabulação ou diretamente a pulsão de ficção.

O jogo, portanto, é uma oportunidade para reduzir o tempo histórico na atualidade, uma manipulação instantânea em que passado e presente são condensados, se aproximam e, acima de tudo, podem ser manipulados de forma criativa. No livro *Homo Ludens*, publicado em 1938, o historiador holandês Johan Huizinga examina o jogo como fundamento de toda a cultura e da organização social. Este texto irá afetar vários movimentos culturais, incluindo o Situacionismo. Em 1976, Constant Nieuwenhuys disse:

“O *Homo Ludens* vai querer transformar e recriar esse ambiente e este mundo de acordo com as suas necessidades. A exploração e a criação do ambiente, então, coincidem, porque o *Homo Ludens*, criando seu território para explorar, irá a explorar a sua criação” (NIEUWENHUYS apud CARERI, 2003, p. 36).

O que pode-se dizer é que o errante, ou o caminhante, como você preferir chamá-lo (a menos que você não chame de passeio), é um jogo que nos permite experimentar a cidade de forma direta e real.

A deriva, o vaguear, o errar, pode se tornar uma experiência fundamental para conhecer o território em que vivemos e pretendemos agir, seja como profissionais ou simplesmente ocupantes do espaço urbano. Em uma escala de corpo a corpo, o vislumbre do errar passa a acreditar que a experiência é capaz de inovar o passado e transformar o presente visando o futuro.

Essa técnica e modo de vivenciar a cidade através da exploração, do andar sem rumo, da passagem rápida por ambiências variadas, tendo como motivação a cidade, sua visualidade, seus conflitos e tensões, instiga a reflexão crítica sobre as tensões e criticidades atuais que organizam a cidade, sua imagem e possíveis identidades. O conceito de desvio está indissolúvelmente ligado a reconhecer a natureza e os efeitos psicogeográficos dela na afirmação de um comportamento lúdico-constutivo.

Pode-se pensar que a deriva é uma forma de vivência, de reapropriação da cidade, com o objetivo de romper com a racionalidade das representações dos espaços dominantes e entendimento dos espaços de limite, que são terras limiáres, indecisas, ambíguas, instáveis, híbridas, onde é possível repensar a relação entre as partes e, por outro lado, habitá-los com a prática e uni-la com a teoria. É a oportunidade de criar uma ligação entre os olhos, o corpo e o espaço, e a alteridade.

O espaço de fronteira, explorado ao longo desta pesquisa, não deve ser pensado como uma linha nítida e decidida, mas sim como uma espessura (ZANINI, 1997). Em qualquer caso, um espaço que, por sua separação formal do resto do mundo, apresenta, ao mesmo tempo, uma esfera de instabilidade e possibilidade. “Pense na margem como uma espessura, e não como uma linha. Pense na margem como um campo de pesquisa sobre a riqueza que vem em si reunida pelos diferentes ambientes” (CLÉMENT, 2004, p. 62).

Nesta dicotomia, o cruzamento significa observar o campo das transformações mais eminentes da Cidade: a expansão da cidade, seu crescimento, a produção frenética e os fenômenos sociais ocasionados por esta transformação.

Errar é uma oportunidade dupla: por um lado, o vagar sem rumo é capaz de nos empurrar para além das nossas próprias limitações (física e psicológica), por outro, nos dá a oportunidade de sermos capazes de cometer erros, tropeçar para sermos capazes de andar novamente adiante.

Assim, as possibilidades de uso e apropriação do espaço urbano podem-se ampliar pela criação de uma aproximação lúdica, abrindo novos métodos de conhecimento a pesquisa. Para isto, pode-se utilizar o método da cartografia (DELEUZE, GUATTARI, 1995), para observar as frestas ou fissuras urbanas.

A CARTOGRAFIA COMO PROCESSO

A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática em um princípio inteiramente voltado para uma experiência ancorada no real (DELEUZE, 1995, p. 21).

A cartografia pensada como instrumento de formação de uma ética-estética, tem uma série de peculiaridades, é um método que não se aplica, mas se pratica. Não há um conjunto de etapas a serem aplicadas a um objeto de estudo, pois a cartografia é um método em processo de criação, coerente com a processualidade e o ambiente daquilo que se investiga, apresentando-se como um método que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto.

O objetivo da cartografia em pesquisas de campo e no estudo da subjetividade é proporcionar o afastamento de regras abstratas, pois não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. Trata-se de contar com uma apreensão no sentido de ter receio, ou preocupação, e também pressentimento, percepção, ficar atento ao entorno, desenvolver novas sensibilidades, conectar-se de alguma forma ao tempo da contemporaneidade.

É nessa mesma direção que Deleuze e Guattari (1995) sublinham que a cartografia não é uma competência, mas uma performance. Ela precisa ser desenvolvida como uma política cognitiva de quem a aplica. Cartografar é, portanto, habitar um território existencial, manejar a experiência e entender que o que acontece não se dá pela via do controle, mas pela via do cuidado e do cultivo para que ela aconteça em sua efetiva expressividade.

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmancha certos mundos - sua perda de sentido - forma de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

“É tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento as linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem

elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropólogo" (ROLNIK, 1989, p.15-16).

Com isto, o presente artigo tem por objetivo discutir a metodologia da deriva a partir da exploração, observação dos espaços e cartografia, dentro do contexto contemporâneo da produção cidade. Dessa forma é possível perceber tanto os acontecimentos previstos pelo planejamento urbano tradicional, quanto os fenômenos informais que ocorrem cotidianamente na transformação da cidade. O objetivo não é apenas a constatação da complexidade do organismo cidade, mas sim, a subjetividade dela, na criação de um senso crítico e ético.

Os objetivos específicos são:

(a) observar e vivenciar a cidade para detectar as contradições do desenvolvimento urbano e assim encontrar novos parâmetros para avaliar os mecanismos de produção e transformação da cidade

(b) criar uma crítica sobre a atual conjuntura da cidade de Pelotas, seus modos de uso e conflitos urbanos.

(c) Reapropriação dos espaços urbanos através da ação performática coletiva de atravessamento na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa define-se como aplicada e exploratória, pois possui o interesse em proporcionar maior familiaridade com as problemáticas, usos e produção da cidade, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses identificadas ao longo do percurso da deriva.

Em relação aos procedimentos caracteriza-se como pesquisa participante, no qual há envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas. Essa classificação foi criada por Bronislaw Malinowski, com o intuito de conhecer os nativos das ilhas Trobriand e com isto, estudar, aprender suas línguas e observar a vida cotidiana dos moradores da ilha (FONSECA, 2002).

De acordo com Fonseca (2002), o estudo caracteriza-se ainda como pesquisa ação, no qual o investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros caminhantes e eventuais colaboradores. Nessa ação, o pesquisador traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram.

Quanto a abordagem, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, centrando-se na explicação e dinâmica das relações sociais,

a partir de diferentes métodos, podendo assim, ser utilizado uma metodologia própria- a presente pesquisa utilizou a metodologia da deriva-. A metodologia da deriva proporciona a coleta de diferentes materiais, assim como a análise de forma transversal dos fenômenos urbanos.

No que se refere a esta pesquisa ela abrangeu duas etapas distintas:

(a) Deriva

(b) Cartografia

A metodologia inicial foi a da deriva, apresentando-se como um convite para deixar o conforto das salas da universidade e conhecer a cidade desde dentro, suas nuances e suas contradições. Na primeira etapa da deriva utilizou-se os princípios de ação elaborados por Careri (2001): ouvir a intuição e desejo; entrar na condição de tropeçar; perder tempo para ganhar espaço; disponibilidade ao indeterminado; construir um campo relacional; mudar, cumprimentar; sempre deixar um final aberto

A exploração aconteceu a partir de um erro voluntário ao longo de cerca de mais de 50 km, do limiar da Cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul (Figura 1), e os pontos de reuniões mudavam de semana em semana. No caso do limiar urbano, ele pode ser definido como qualquer coisa que não é centro, essa cisão entre o que é cidade e o que não é. Por exemplo, se o centro institucional, comercial, representante da cidade, é um lugar conhecido para a maioria das pessoas- como em qualquer cidade do mundo -, os subúrbios são o limite no qual o tecido fragmentado se dilui em uma metamorfose das terras e das pessoas que estão nesses territórios. Nesse contexto à deriva propôs adentrar desde o centro até as zonas periféricas.



Figura 1- Trajeto da deriva, em Pelotas, Rio Grande do Sul. Fonte: Autora, 2017.

A deriva ocorreu em dias de chuva ou sol, durante o inverno e durante o verão e o ponto de encontro foi mudando ao longo do percurso, bem como a conformação dos participantes e a intensidade emocional da experiência. Esta experiência ocorreu de forma coletiva, pois o grupo era formado por mais de 20 pessoas (Figura 2 a), dentre elas estudantes (Figura 2 b), professores e colaboradores.



(a)

(b)

Figura 2- (a) caminhada em grupo na cidade de Pelotas (b) Elaboração de mapa cartográfico do Aluno Gustavo Oliveira. Fonte: Autor, 2017.

Entretanto, a experiência pode ser vista como individual também, visto que as percepções, cognições e vivências são pessoais e intransferíveis.

A cartografia como procedimento metodológico apresenta-se como ações do habitar, ela significa acessar o plano coletivo de forças que compõem o território, ultrapassar os limites impostos, voltar a ser caminhantes e nômades da terra, sentir-se livre e transitar nela.

As duas metodologias utilizadas ao longo da pesquisa, causam o ponto certo de desconforto, capaz de nos projetar em um estado de leveza (espacial e temporal), capaz de nos posicionar na experiência da cidade neste tempo e neste espaço ou fora dele, reconhecendo nela todos os elementos e forças que estão presentes.

Os materiais utilizados foram máquinas fotográficas para registro de imagens, prancheta para anotações, gravador de áudio para captura de relatos dos moradores e usuários dos espaços explorados. Esta pesquisa destaca-se pela troca de experiência com os usuários, cujo resultado parte de relatos espontâneos e entrevistas que não foram agendadas, mas que ocorreram de forma natural no decorrer das caminhadas.

A análise e coleta de material partiu da personalidade e subjetividade dos autores, bem como os registros do que cada autor considerou importante retratar ao longo do percurso. Cabe ressaltar que a análise, resultados e discussões representam estritamente as vivências dos autores do presente trabalho, não abrangendo a visão coletiva de todos os participantes e colaboradores da deriva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo desta proposição não é tanto a transcrição de um território segundo ferramentas tradicionais, mas o atravessamento pela criação de uma cartografia subjetiva, de um mapa psicogeográfico, de acordo com as vivências, sentimentos e percepções do espaço urbano.

A psicogeografia seria o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que age diretamente sobre o comportamento dos indivíduos. Nesse sentido, com a psicogeografia, os situacionistas estavam tentando criar uma metodologia diferenciada para a análise do espaço urbano, ao contrário dos urbanistas modernos, que baseavam seus estudos nas leis universais.

Para os situacionistas, o lúdico não era apenas o fim a ser alcançado pela psicogeografia, era antes o meio para se conseguir explorar as cidades. A deriva seria ao mesmo tempo utilizado para apreender o espaço e criar uma forma mais lúdica de utilização do mesmo, interagindo com a cidade e brincando com os elementos existentes no espaço (Figura 3).



(a)



(b)

Figuras 3 - (a) brincar na cidade (b) interação com os elementos da cidade. Fonte: Autora, 2016.

Essa passagem lúdico-constructiva no território real, retratada nas figuras 3, vai gerando uma cartografia subjetiva.

O processo de formação se refere à complexa configuração das formas de funcionamento do subjetivo como forma de conhecimento, que inclui as mais diversificadas possibilidades, onde conexões e rupturas são o palimpsesto experiencial das caminhadas. O errar possibilita uma série de imprevistos ao caminhante, seja as mudanças climáticas ou entrevistas não programadas (Figuras 4), em consequência disto atinge o objetivo de não ter rumo ou planejamento prévio.



(a)



(b)

Figuras 4 - (a) caminhada em grupo com intempéries e utilização de material coletivo impermeável (b) Entrevista com moradora da área do antigo atracadouro localizado na zona portuária da cidade de Pelotas. Fonte: Autora, 2017.

O que interessa no estudo são as interferências e os agenciamentos das relações de força e as forças liberadas nessas relações (política), os critérios de referência produzidos a partir delas, que permitem ao sujeito relacionar-se consigo mesmo e com os outros (ética). A geração de um sentimento ético e político, de alguma forma cívico.

Outro ponto importante explorado nas caminhadas foi a possibilidade de contato com diversas tipologias arquitetônicas de diferentes movimentos de produção da cidade. Através de entrevistas com moradores e prestadores de serviços, pode-se entender a história das edificações patrimoniais, bem como o estado de degradação e preservação das mesmas (Figuras 5).



(a)

(b)

(c)

Figuras 5 - (a) exploração no Castelo Simões Lopes Neto, em Pelotas (b) interior do Edifício IPASE, em Pelotas (c) Antiga Caixa d'água de Pelotas. Fonte: Autores, 2017.

Desde o início, a pesquisa se propôs adentrar em zonas periféricas da cidade, de modo que os pesquisadores pudessem entender a realidade, ou o mais próximo dela, e assim obter uma visão abrangente da cidade e os processos de exclusão social ocorrentes (Figuras 6).



(a)



(b)

Figuras 6 - (a) arquitetura de zonas periféricas da Cidade de Pelotas (b) falta de serviços urbanos de coleta de resíduos em zonas periféricas. Fonte: Autor, 2017.

A deriva produz uma narrativa definitivamente contemporânea, em uma visão imaginária e fantástica, que muitas vezes incorpora o mais relevante e o mais trágico da realidade.

Aliado a esses resultados, pode-se entender uma fragmentação da história da cidade a partir dos locais históricos e importantes da cidade, entretanto, nota-se que há diversos locais ociosos, principalmente no que tange os locais das antigas fábricas Pelotenses (Figuras 7). A presença de alunos de outros cursos, possibilitou a interdisciplinaridade e entendimento da cultura da cidade, bem como a histórias dos bairros a partir do viés dos ocupantes do território.



(a)



(b)

Figuras 7 - (a) estrada do Engenho, em Pelotas (b) comunidade de pescadores de Pelotas. Fonte: Autores, 2017.

A produção de condomínios fechados e a produção de novos bairros em Pelotas acentuou-se ao longo dos últimos dez anos, proporcionando assim uma grande oferta e especulação imobiliária na cidade (Figuras 8).



(a)

(b)

Figura 8- (a) construção do Parque Una, em Pelotas (b) entrevista com os moradores do bairro vizinho ao Parque. Fonte: Autor 2017.

Entretanto, essa produção para as classes mais abastadas ocasionou diversos efeitos na cidade, dentre eles a segregação social e gentrificação de bairros do entorno dos empreendimentos, causando assim desapropriações e conflitos aos moradores dos bairros vizinhos.

O próprio espaço urbano enquanto ferramenta de interação, proporciona discussões das temáticas em diferentes escalas: urbana, arquitetônica, social e do construir. Os processos de elaboração dos contra-dispositivos implementados no perímetro urbano exercitam a experimentação prática do material, elaboração de modelos físicos e os níveis de percepção (Figuras 9).



(a)

(b)

Figura 9- (a) contra-dispositivos construídos e colocados entre o Mercado Público e a Praça Coronel Pedro Osório no centro de Pelotas (b) Interação sem o sentido da visão no Shopping Pelotas. Fonte: Autora, 2017.

O contra-dispositivo vermelho da figura 9 (a) propõe uma sobreposição da subjetividade com a cidade através do imaginário, pois oferece um anteparo transparente onde o observador possa expressar seu desejo para o espaço da cidade. O equipamento verde sugere uma reflexão entre natureza e artificialidade repropoando uma situação inversa entre externo e interno. E o aparelho preto oferece uma observação pontual da cidade, para que se reflita sobre um elemento único focado e isolado do restante da cidade. A figura 9 (b) retrata a interação dos errantes em lugares privados, porém essa interação deu-se sem o sentido visual, influenciando e potencializando assim os outros sentidos. Essa experiência destaca-se pela complexidade de ocupação em grupo de espaços privados, no qual há regras, regulamentações e vigilância, bem como o contato com pessoas que estavam frequentando o ambiente, mas com o intuito de passear ou fazer compras.

CONCLUSÕES

A deriva revelou um território descontínuo em expansão, um perímetro irregular de bairros satélites onde a vida é reduzida quase a uma parada. A cartografia dos lugares banais, dos encontros fugazes, da criação de um mapa de afetos, das relações e das forças que nela apareceram durante o caminho e que com ela provocaram sentimentos e imaginários, é o resultado final desta experiência físico-prática.

Nesta perspectiva a pesquisa como experiência, não é uma mera aplicação de teorias ou a execução de procedimentos técnico-metodológicos prescritivos. A experiência, a pesquisa cartográfica não separa teoria e prática, espaços de reflexão e de ação. Conhecer, agir e habitar um território não são experiências separadas e distantes. A proposta da cartografia é que o pesquisador se inclua no território, componha sua paisagem, acompanhe os seus ritmos e processos, numa posição de atenção ao acontecimento para captá-lo em sua expressividade e singularidade.

Conclui-se que a exploração é única e necessária para a investigação do espaço urbano na cidade contemporânea, pois proporciona maior entendimento do espaço urbano. É necessário permitir-se conhecer locais novos ou visitar lugares já conhecidos, mas com outro olhar, talvez o olhar mais simples, sem pré-julgamentos ou expectativas. Recomenda-se que o Arquiteto e Urbanista realize este exercício para exploração e entendimento do contexto urbano e social, de modo que a partir deste conhecimento ele possa propor soluções para o espaço urbano.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- AGABEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- CARERI, Francesco. *Constant: New Babylon, Una Città Nomade*. Turim: Testo & Immagine, 2001.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes. El andar como práctica estética*. Barcelona: Editora G. Gili, 2003.
- CLEMENT, Gilles. *Manifest du Tiers paysage*. Paris: Editions Sujet/Objet, 2004.
- DELEUZE, Deleuze.; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.
- DEBORD, Guy. Teoria da Deriva. *Revista Internacional Situacionista*, n.2, 1-12, 1958.
- FONSECA, João José Saraiva. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- GEDDES, Patrick. *Cities in Evolution*. Williams and Norgate, London. Em português Cidades em evolução. São Paulo: Papirus, 1994.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens. O jogo como elemento da cultura*. 5a edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- JACQUES, Paola Beristein. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SPERBER, Suzi Frankl. *Ficção e razão. Uma retomada das formas simples*. São Paulo: HUCITEC- FAPESP, 2009.
- ZANINI, Piero. *Significati del Confine. I limiti naturali, storici, mentali*. Milano: Bruno Mondadori, 1997 .